

Grau de auxiliaridade da microconstrução [deixar+de+V_{2inf.}] no português arcaico

DOI: <http://dx.doi.org/10.21165/el.v49i1.2700>

José Roberto Prezotto Júnior¹

Resumo

Propomos investigar, com base na abordagem construcional (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013), a microconstrução aspectual [deixar+de+V_{2inf.}] no português arcaico (séculos XIII-XV). Para análise, utilizamos o *Corpus do Português* (DAVIS; FERREIRA, 2006, 2016) e cotejamos parâmetros fundamentados nos estudos clássicos de verbo auxiliar. No período estudado, a microconstrução, sob a forma [leixar+de+V_{2inf.}], apresenta índices de auxiliaridade e marca aspecto final (terminativo e cessativo). Além disso, ela é parcialmente esquemática, pela recorrência de elementos entre seus componentes, parcialmente produtiva, por ainda estar expandindo seus arranjos colocacionais, e não composicional, pela codificação de seus elementos como um *chunk* procedural.

Palavras-chave: auxiliaridade; verbo “deixar”; português arcaico.

¹ Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), São José do Rio Preto, São Paulo, Brasil; juniorprezotto0496@gmail.com; <https://orcid.org/0000-0002-7077-543X>

Auxiliary degree of the micro-construction [deixar+de+V_{2inf.}] in archaic Portuguese

Abstract

We propose to investigate, based on the constructional approach (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013), the aspectual micro-construction [deixar+de+V_{2inf.}] in archaic Portuguese (13th-15th centuries). For the analysis, we used the *Portuguese Corpus* (DAVIS; FERREIRA, 2006, 2016) and we outlined parameters based on the classical studies of auxiliary verb. In the studied period, the micro-construction, under the form [leixar+de+V_{2inf.}] shows auxiliary manifestation and marks egressive aspect (terminative, and cessative). Moreover, it is partly schematic due to the partly productive recurrence of elements among its components, because it still expands its collocational and non-compositional range, since its elements are encoded as a procedural chunk.

Keywords: Auxiliary; verb “deixar”; archaic Portuguese.

Introdução

A língua, para a abordagem construcional, é uma rede de construções, as quais são pareadas de forma e significado, e a mudança linguística ocorre por pressões do uso em contextos de interação, firmando construções como novas representações na mente do usuário (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013).

Aliados à essa visão de língua e de mudança linguística, propomos um trabalho de cunho quantitativo e qualitativo para analisar e descrever a microconstrução [deixar+de+V_{2inf.}] no período arcaico do português, correspondente aos séculos XIII, XIV e XV².

A hipótese defendida é a de que a microconstrução em foco já manifesta auxiliaridade e caminha em direção à inserção na rede auxiliar do português. Para corroborar esse fato, levantamos parâmetros que os critérios clássicos dos trabalhos sobre verbo auxiliar (LOBATO, 1975; HEINE, 1993; LONGO; CAMPOS, 2002; ILARI; BASSO, 2008) são aplicados à luz da abordagem adotada, com o objetivo geral de evidenciar o grau de auxiliaridade da microconstrução em estudo e com objetivo específico de mostrar o comportamento de suas propriedades construcionais: esquematicidade, produtividade e composicionalidade.

2 Embora a microconstrução se grafasse como [leixar+de+V_{2inf.}], optamos por, ao longo da análise, representá-la em sua forma atual [deixar+de+V_{2inf.}].

Para alcançar os objetivos propostos, este artigo encontra-se organizado da seguinte maneira: na seção 1, apresentamos uma rápida discussão sobre a abordagem construcional, sobre auxiliaridade e a categoria de aspecto; na seção 2, descrevemos a metodologia; a seção 3 traz a descrição e a análise da microconstrução a partir dos parâmetros de análise; e, por fim, a seção 4 traz as considerações finais.

1. Referencial teórico

1.1 Abordagem construcional da mudança linguística

A abordagem construcional da mudança linguística de Traugott e Trousdale (2013) se insere no âmbito de uma série de estudos de descrição e de análise linguística denominados *Modelos Baseados no Uso*. Esse termo foi primeiramente cunhado por Langacker (1987) e se expandiu para os estudos que compreendem a estrutura linguística como resultado da experiência humana com a linguagem.

A abordagem construcional se desenvolve como um modo de repensar os estudos anteriores sobre gramaticalização e lexicalização, com o intuito de olhar para o fenômeno da mudança linguística em termos construcionais, buscando verificar como se dá a emergência e o desenvolvimento de novos pareamentos de forma e de significado.

Esses pareamentos são tomados como unidade de análise e são chamados de construções. Traugott e Trousdale (2013, p. 8) as representam da seguinte maneira:

[[F] [S]]

Os autores entendem esse pareamento como uma unidade convencionalizada, em que F [Forma] abarca sintaxe, morfologia e fonologia, enquanto S [Significado] compreende discurso, semântica e pragmática. Esses níveis devem ser concebidos como holísticos.

Assim, a língua é concebida como uma rede de construções. A noção de redes revela que a organização da língua não se difere da organização de outros aspectos da cognição humana. Segundo Langacker (2008, p. 222, grifo no original, tradução nossa³),

[...] nós podemos descrever a língua como um inventário **estruturado** de unidades linguísticas convencionais. Essa estrutura – a organização de unidades em redes e conjuntos – é intimamente relacionada ao uso da língua, ambos [redes e conjuntos] moldam e são moldados pelo uso.

3 No original: “We can describe a language as a structured inventory of conventional linguistic units. This structure—the organization of units into networks and assemblies—is intimately related to language use, both shaping it and being shaped by it.”

Como podemos notar, conceber a língua pela metáfora de redes reforça seu caráter multidimensional, uma vez que as redes mostram que as dimensões da linguagem não são modulares, mas são radiais e representadas por níveis de categorização, isto é, de como ordenamos as construções em nossa mente. Há, portanto, graus de abstratização, de generalização e de ligações entre os nós.

Segundo Traugott e Trousdale (2013), as construções são caracterizadas em termos de três propriedades gradientes. A esquematicidade é uma propriedade da categorização e retrata o grau de abstratização de uma construção. Essa propriedade é gradiente de duas maneiras: i) pelo fator “mais ou menos” em que construções parcialmente sancionadas podem se tornar completamente sancionadas ao longo do tempo, tornando-se mais esquemáticas; e ii) pela gradação hierárquica da rede em esquemas, subesquemas e microconstruções (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013).

A produtividade retrata o grau de extensibilidade (BARDDAL, 2008) e também o limite (BOAS, 2008) de um esquema. Em outras palavras, quando um esquema é mais produtivo, ele tende a atrair, por exemplo, construções menos esquemáticas, que passam a integrar o rol de construções ligadas a esse esquema mais abstrato e já devidamente convencionalizado na língua. Essa propriedade está ligada ao aumento de frequência da construção, quanto mais o usuário a usa, mais ela se torna rotinizada (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013).

A composicionalidade retrata a extensão de significado de uma construção, ou seja, o grau de transparência ou de opacidade da ligação entre forma e significado. Quando a construção é composicional, o significado é derivado da soma das subpartes que a compõem, dizemos que ela ainda possui transparência semântica; por outro lado, quando a construção é não-composicional, o sentido decorre do todo da construção, dizemos, portanto, que ela é opaca (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013).

Nessa perspectiva, a mudança linguística pode ser vista como “locada na *interação* e... negociada entre os falantes no curso da interação” (MILROY, 1992 apud TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013, p. 21, *itálico no original, tradução nossa*⁴). A mudança inicia-se com uma nova representação na mente do usuário da língua e prevê a atuação de dois mecanismos: a neoanálise, quando um elemento da construção se modifica, e a analogização, quando há o recrutamento de uma construção para um subesquema ou esquema já existente na rede.

4 No original: “located in speaker-*interaction* and... negotiated between speakers in the course of interaction.”

Os autores concebem dois tipos de mudança: i) *mudança construcional*: refere-se à alteração apenas da forma ou apenas do significado, representando um micropasso de mudança, e ii) *construcionalização*: refere-se à alteração tanto na forma quanto no significado, fazendo emergir na rede um novo nó.

A construcionalização pode ser de dois tipos: lexical ou gramatical. Aqui, nosso foco recai na segunda, pois o objeto de investigação denota a categoria de aspecto, sendo, então, de natureza procedural. Assim, a construcionalização gramatical é definida como “[...] o desenvolvimento, por meio de uma série de pequenas mudanças, de um novo pareamento de forma-significado de um signo, o qual apresenta, principalmente, uma função procedural” (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013, p. 147, tradução nossa⁵).

Os autores sustentam que a construcionalização gramatical pode ser explicada em termos de produtividade, esquematicidade, composicionalidade. Nos casos de construcionalização gramatical, o que se verifica é um aumento de produtividade e esquematicidade e uma redução no nível de composicionalidade.

1.2 Auxiliaridade e a categoria gramatical de aspecto

A caracterização de verbo auxiliar na literatura linguística é um tanto problemática pelos inúmeros critérios, taxonomias e propriedades que o definem (Cf. LOBATO, 1975; HEINE, 1993; LONGO; CAMPOS, 2002; ILARI; BASSO, 2008). Muitas abordagens entendem esse tipo verbal como um morfema ou como uma classe de palavras, uma categoria sintática, uma entidade funcionalmente ou semanticamente definida (HEINE, 1993).

Em vista disso, seguiremos a proposta de Heine (1993). O autor defende que o termo “auxiliar” se refere a um item linguístico que possui o maior número de características de auxiliaridade, constituindo, portanto, um “bom auxiliar” na língua.

Então, um “bom auxiliar” é o verbo que é usado “para alocar uma situação descrita em uma sentença com referência ao tempo dêitico (tempo), atribuir um contorno temporal a ela (aspecto) ou para avaliar sua realidade (modalidade)” (HEINE, 1993, p. 22, tradução nossa⁶).

Neste trabalho, nosso foco recai sobre a categoria de aspecto. Com base em Comrie (1976), Castilho (2002) e Travaglia (2014), podemos definir, sucintamente, essa categoria

5 No original: “[...] the development through a series of small-step changes of a form_{new}-meaning_{new} sign that is (mostly) procedural in function.”.

6 No original: “to place the situation described in the sentence with reference to deitic time (tense), to ascribe a temporal contour to it (aspect), or to assess its reality (modality).”.

como as fases temporais internas de uma dada situação⁷. Em outras palavras, essa categoria envolve o tempo interno, indicando os graus de realização, de processamento, de fim, de início, de resultado de uma determinada situação.

Focamos, aqui, duas nuances aspectuais para a noção de aspecto final: cessativo e terminativo. Geralmente, não há uma clara distinção na literatura sobre a noção de fim, isto é, há autores, como Castilho (2002), que designam aspecto terminativo genericamente para o significado de fim; já outros, como Travaglia (2014), quando descreve as perífrases aspectuais do português, que apontam distinções entre o cessativo e a noção de terminativo.

Neste trabalho, entendemos que a distinção do tipo final entre cessativo e terminativo, como discutido em Travaglia (2014), é importante, pois o cessamento de algo não implica necessariamente a conclusão de uma situação, mas sim a suspensão de algo que pode ser temporário, ao passo que o aspecto terminativo implica necessariamente a conclusão de algo, sem possibilidade de retomada da situação. [Deixar+de+V_{2inf.}] parece marcar essas duas nuances de finalização (cessamento e término).

2. Procedimentos metodológicos

Para a realização deste trabalho, que é de natureza quantitativa e qualitativa, adotamos a abordagem construcional da mudança linguística de Traugott e Trousdale (2013) e fazemos uso de quatro parâmetros de análise que se baseiam na aplicação dos critérios clássicos de auxiliaridade de Lobato (1975), Heine (1993), Longo e Campos (2002) e Ilari e Basso (2008).

Como universo de investigação, utilizamos o *Corpus do Português* [gênero/histórico e web/dialetos] (DAVIS; FERREIRA, 2006, 2016), que contempla usos reais da língua. Tal *corpus* se subdivide em dois grandes *subcorpora*, o primeiro [gênero/histórico] é composto por mais de 45 milhões de palavras (mais de 57 mil textos escritos em Português do século XIII ao século XX), e o segundo [web/dialetos] é composto por 1 bilhão de palavras, reunindo dados de páginas eletrônicas de quatro países que falam Português (Brasil, Portugal, Angola e Moçambique). Essa segunda amostra privilegia ocorrências do português contemporâneo (século XXI)⁸.

7 Utilizamos neste trabalho o termo genérico *situação*, conforme adotado por Comrie (1976); cobrindo as noções de *estado* (estático, a menos que alterado); *evento* (dinâmico, visto como um todo completo) e *processo* (dinâmico, visto de dentro, em progresso).

8 O *corpus* está disponível em: <http://www.corpusdoportugues.org>

Coletamos e analisamos 153 ocorrências em três sincronias, séculos XIII, XVI e XV, correspondentes ao período arcaico do português, a partir da entrada [leix*]. Das ocorrências coletadas, recortamos, para este trabalho, somente as ocorrências em que a microconstrução [deixar+de+V_{2inf.}] estava presente, contabilizando então, 151 ocorrências⁹. Esses fatos se encontram na tabela 1.

Tabela 1. Número de ocorrências de “deixar” no português arcaico

Séculos	Coleta	[deixar+de+V _{2inf.}]
XIII	12	10
XIV	69	69
XV	72	72
Total	153	151

Fonte: Elaboração própria

As ocorrências coletadas foram analisadas mediante os parâmetros de análise listados abaixo e quantificadas, em termos de frequência/porcentagem, no programa *Goldvarb X* (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005).

Os parâmetros estão dispostos no quadro 1.

Quadro 1. Parâmetros de análise

<i>Tipo de microconstrução:</i> classificação das microconstruções em aspectual cessativa ou aspectual terminativa.
<i>Sujeito: Correferencialidade e traços semânticos:</i> compartilhamento do mesmo sujeito entre o verbo auxiliar e o verbo principal da microconstrução e traços semânticos do sujeito das microconstruções: [+ humano] ou [- humano]; [+ genérico] ou [+ específico].
<i>Tipos de elementos intervenientes:</i> presença ou ausência de material interveniente entre V ₁ e V _{2inf.}
<i>Tipos de V_{2inf.}</i> tipo de estado-de-coisas (doravante EsCo) expresso por V _{2inf.} : EsCo: Posição, EsCo: Estado, EsCo: Ação, EsCo: Processo ou Proposição.

Fonte: Elaboração própria

⁹ As duas ocorrências coletadas, mas não contabilizadas neste trabalho, são caso da microconstrução prospectiva [deixar+por+V_{2inf.}].

É importante mencionar que utilizamos os seguintes dicionários e glossários para compreender as ocorrências do português arcaico, principalmente para elaborar as adaptações das ocorrências para o português moderno: i) *Dicionário de Verbos Portugueses do século 12 e 13/14* (XAVIER; VICENTE; CRISPIM, 2003); ii) *Glosario da poesia medieval profana galego-portuguesa* (FERREIRO, 2014) e iii) *Glossário das Cantigas de Santa Maria* (METTMANN, 1972).

3. Descrição e análise da microconstrução

3.1 Tipo de aspecto instanciado pela microconstrução

A microconstrução [deixar+de+V_{2inf.}] está presente no português desde seus primeiros séculos. Por isso, não podemos determinar um ponto de partida claro que evidencie a construcionalização gramatical da microconstrução. Nosso intuito, então, é investigar o comportamento dessa microconstrução no período arcaico e o início de sua consolidação enquanto marcadora de aspecto, não é nosso objetivo mostrar a trajetória de “deixar” enquanto verbo pleno até seu estatuto de auxiliar.

Conforme se observa na tabela 2, a microconstrução [deixar+de+V_{2inf.}], no português arcaico, designa duas construções procedurais: aspectual final (cessativa e terminativa) e polar positiva.

Tabela 2. Tipos procedurais da microconstrução [deixar+de+V_{2inf.}] no português arcaico

	<i>Aspectual cessativa</i>	<i>Aspectual terminativa</i>	<i>Polar positiva</i>	Total
Século XIII	4 33.4%	1 8.3%	5 41.7%	10 100%
Século XIV	33 47.8%	1 1.5%	35 50.7%	69 100%
Século XV	31 43%	12 16.7%	29 40.3%	72 100%
Total	68 45.1%	14 9.2%	69 45.7%	151 100%

Fonte: Elaboração própria

A tabela 2 revela que, no português arcaico, quando a microconstrução marca aspecto final, a nuance mais frequente é a de cessativo (com 45.1%). Ao observar os dados, é

importante notar o crescimento da frequência do aspecto terminativo, que, no século XV, passa a ocorrer mais vezes em relação aos séculos anteriores, atingindo 9.2% de toda coleta. A construção de polaridade positiva não será considerada em nossa análise por não indicar auxiliaridade.

A ocorrência em (1) ilustra a primeira nuance aspectual, cessativo, que assinala a fase final de uma situação cujo traço é [+ durativo], mas não atinge um ponto terminal, apenas sinaliza seu cessamento.

- (1) [...] *ElRey **leixou de fazer** as festas que, no poer, do Sancto Olio a seus filhos, ordenava: e esta por ElRey de Napoles e ElRey de Navarra e o Ifante Dom Anrique, irmaões da Raynha, serem presos em Itália, em, que se conthem a causa deste facto. Neste anno de mil quatro centos trinta e cinco, estando ElRey em Lixboa propoz de mandar poer, com grande solepnidade e manificencia, ho Santo Olio a seus filhos; e teendo ordenadas grandes festas. (14:Pina:Duarte).*

“O rei deixou de fazer as festas em que ordenava a imposição do Santo Óleo em seus filhos porque o rei de Nápoles, o rei de Navarra e o infante Dom Henrique, irmãos da rainha, estavam presos na Itália. Neste ano de mil quatrocentos e trinta e cinco, estando o rei em Lisboa, propôs mandar pôr o Santo Óleo em seus filhos com grande solenidade e magnificência, ordenando grandes festas.”

Observa-se, em (1), que o sujeito, “O rei”, cessa uma situação que estava em curso. O EsCo de “fazer festas” ainda pode ser retomado, uma vez que há, contextualmente, a explicitação de que tal evento se interrompeu devido à prisão dos familiares da rainha, mas voltou a ocorrer depois no ano indicado.

As ocorrências em (2) e (3) revelam que, no período arcaico, havia duas formas, [deixar+de+V_{2inf.}] e [deixar+a+V_{2inf.}], para marcar aspecto cessativo.

- (2) *Agora **leixaremos** aquy **de fallar** del rei dom Sancho e tornaremos a fallar do conde dom Fernam Gonçalvez, de seu coração esforçado e do seu começo e de seus feitos. (13:CIPM:CGEsp).*

“Agora, deixaremos de falar aqui do rei Dom Sancho e voltaremos a falar do conde Dom Fernam Gonçalvez, de seu coração valente, de seu começo e de seus feitos”.

- (3) *E deu a dom Garcia, seu filho, [...]. Mas agora **leixaremos** aquy **a fallar** na estorya del rei dõ Afomso, o Magno e contaremos de Audela, rey de Cordova. (13:CIPM:CGEsp).*

“E deu seu filho a Dom Garcia, [...]. Mas agora deixaremos de falar aqui na estória do rei Dom Afonso, o Magno, e contaremos sobre Audela, rei de Cordova.”

Em (3), o usuário está falando sobre o rei Dom Sancho e em (4) sobre o rei Dom Afonso. No fluxo das ocorrências, o usuário interrompe ou cessa o assunto corrente e passa a discursar sobre outro assunto.

Quantitativamente, notamos que, no período indicado, [deixar+a+V_{2inf.}] é menos frequente que sua concorrente, [deixar+de+V_{2inf.}]. A tabela abaixo ilustra esse fato.

Tabela 3. Microconstruções de aspecto cessativo no português arcaico

	[deixar+a+V _{2inf.}]	[deixar+de+V _{2inf.}]	Total
<i>Português arcaico</i>	11 16.2%	57 83.8%	68 100%

Fonte: Elaboração própria

Uma possível resposta para a extinção da microconstrução [deixar+a+V_{2inf.}] no português seria a especialização do tipo aspectual, em que a preposição “a” se especializaria para marcar aspecto cursivo, como é comum até a sincronia atual no português europeu, e a preposição “de” se especializaria para marcar aspecto final, nesse caso, a nuance de cessativo.

O segundo tipo de aspecto codificado por [deixar+de+V_{2inf.}], no português arcaico, é o terminativo, que se refere ao atingimento de um ponto terminal de uma dada situação. Em outras palavras, houve a finalização do EsCo descrito, o que se pode observar na ocorrência em (4).

(4) *Os outros, quand’ esto viron, 1 prometeron que **leixassen d.** en sabado **comer** carne, 1 e que o muito guardassen por onrra da Virgen santa. (12Mettman:CantigasSM3).*

“Os outros, quando viram isso, prometeram que deixassem de comer carne no sábado e que o guardassem por honra da Virgem santa.”.

Em (4), o EsCo com [deixar+de+V_{2inf.}] é encaixado no predicado principal “prometer”, permitindo, então, inferir a terminação do EsCo. Dificilmente, os referentes voltarão a realizar tal ação em algum outro momento.

O segundo tipo construcional, polaridade positiva, encontrado no período arcaico com [deixar+de+V_{2inf.}] só ocorre quando algum operador negativo escopa os componentes da microconstrução. Nesse caso, a negação do valor *default* (negativo) gera uma microconstrução com polaridade positiva, em que negar a microconstrução polar negativa equivale a afirmar. A ocorrência em (5) exemplifica esse tipo.

(5) *E daly se defendiom os christãos mui rigamente e pouquos deles vemçiom muitos porque ho lugar era forte pera se defenderem, mas por todo iso não **leixaram** os mouros **de os combater** triguosamente por ganhar o monte. (14:Cron1419).*

“E dali os cristãos de defendiam muito rigorosamente e poucos deles venciam, porque o lugar era forte para se defenderem, mas, mesmo com tudo isso, os mouros não deixaram de os combater rapidamente para ganhar o monte”.

A ocorrência em (5) demonstra que, com o operador de negação, [deixar+de+V_{2inf.}] inverte sua polaridade, passando a ser positiva ou afirmativa, ao parafrasear a ocorrência, temos: “os mouros combateram os cristãos”. Vale ressaltar que não analisamos, neste trabalho, essa construção por não indicar aspecto, embora a forma seja a mesma.

3.2 Sujeito: correferencialidade e traços semânticos

Nesse parâmetro, o intuito é verificar se “deixar” e o V_{2inf.} que o acompanha apresentam o mesmo sujeito ou se, em algum momento, esses verbos apresentam sujeitos distintos. Esse critério está fundamentado em Lobato (1975) e Ilari e Basso (2008), que alegam ser este um dos critérios definidores da auxiliaridade de um verbo. Observemos a ocorrência:

(6) *E, quando Julyo Cesar os vyo em aquela pressa, entendeo que se perderyam hy muytos delles e mandoulhes que **leixassem de sobyr** e que se vehessem decendo seu passo. E elles fezerõno assy e tornaronsse pera suas tendas [...]*

“E, quando Júlio César os viu naquela força, entendeu que se perderiam ali muitos deles e mandou que eles deixassem de subir e que viessem diminuindo seus passos. E eles fizeram assim e voltaram para suas tendas [...]”.

Em (6), o sujeito elíptico “eles” é compartilhado tanto por “deixar” quanto pelo V_{2inf.} no caso “subir”. A maior evidência para aferir a correferencialidade é a concordância das desinências modo-temporal e número-pessoa que não é realizada por V_{2inf.}, cuja forma permanece infinitiva, mas, sim, por V₁ que, por se situar no primeiro *slot*, estende a concordância para todos componentes da microconstrução.

Em vista disso, em termos composicionais, a microconstrução é analisada pelo usuário como um todo, como um *chunk* procedural; as categorias gramaticais, realizadas morfologicamente estão em V₁ que, em conjunto a uma preposição “de” e a um V_{2inf.}, efetivam a marcação de aspecto. Portanto, podemos advogar pela não composicionalidade da microconstrução, uma vez que “deixar” não sanciona estrutura argumental e seu sentido está abstratizado para a marcação da semântica de fim.

Em termos quantitativos, os dois verbos da microconstrução [deixar+de+V_{2inf.}] apresentam o mesmo sujeito em todas as ocorrências coletadas nas três sincronias do português arcaico, sendo um primeiro indício para o estabelecimento de auxiliaridade do objeto sob investigação.

Ao verificar os traços semânticos do sujeito compartilhado entre “deixar” e V_{2inf.}, no interior da microconstrução, chegamos à tabela 4.

Tabela 4. Traços semânticos de sujeito da microconstrução

	[+humano]; [+específico]	[+humano]; [+genérico]	[-humano]; [+específico]	[-humano]; [+genérico]	Total
Século XIII	3 80%	2 20%	- -	- -	5 100%
Século XIV	18 53%	15 44.1%	1 2.9%	- -	34 100%
Século XV	28 65.1%	11 25.6%	4 9.3%	- -	43 100%
Total	49 59.7%	28 34.2%	5 6.1%	- -	82 100%

Fonte: Elaboração própria

Os dados acima mostram que a microconstrução [deixar+de+V_{2inf.}] apresenta no século XIII a variabilidade colocacional de sujeito restrito, permitindo somente o traço de [+ humano]. Ao longo dos séculos, há a expansão desse arranjo, como verificado, no século XIV, há uma única ocorrência inovadora com o traço de [- humano], que se expande no século XV. É importante notar a não presença de sujeito com os traços [-humano; + genérico]. Nesse período, os traços semânticos predominantes são: [+ humano; + específico], 59.7%, e [+ humano; + genérico], 34.2%,

As ocorrências (7) e (8) exemplificam os traços de sujeito mais frequentes. O referente da microconstrução em (7), “o rei dom Rodrigo”, tem os traços semânticos de [+ humano; + específico] já o sujeito elíptico da ocorrência em (8), “eles”, possui os traços de [+ humano; + genérico], pois não sabemos, especificamente, quem são os referentes indicados.

(7) *Despois que el rei dom Rodrigo **leixou de fazer** seu planto, mandou ajuntar as mais gentes que pode aver e guisousse muy toste e foisse onde soube que era Tarife. (13:CIPM:CGEsp).*

“Depois que o rei Dom Rodrigo deixou de fazer seu plantio, mandou juntar muitas pessoas que possam existir e se arrumou muito cedo e se foi para o Tarife.”

(8) *E, veendo el rey esto, como non aproveitava nada o combato, mandou que se afastassen todos afora e **leixassem de combater**.* (13:CIPM:CGEsp).

“E vendo isso, o rei, como não tinha nenhum benefício no combate, [...] mandou que todos se afastassem e deixassem de combater.”

Ao longo do português arcaico, a microconstrução sob análise começa a aumentar sua variabilidade colocacional de tipo semântico de sujeito. Nessa expansão, ocorre uma mudança construcional, o *slot* prototípico de sujeito [+ humano] é neoanalisado e passa a abarcar outros traços, como [- humano].

Ademais, esse crescimento colocacional indica aumento da produtividade *type*, uma vez que as microconstruções não ficam restritas a um determinado sujeito com limitações de traços, mas podem passar a ocorrer diferentes traços.

Defendemos, assim, que, por meio da expansão de arranjo colocacional de sujeito, [deixar+de+V_{2inf.}] inicia a consolidação de seu grau de auxiliaridade no português gradualmente.

3.3 Tipos de elementos intervenientes

Nesse parâmetro, buscamos verificar a presença ou a ausência de material interveniente entre “deixar” e V_{2inf.}. Nossa hipótese é a de que a microconstrução em foco vai se tornando mais esquemática gradualmente, ao longo dos séculos, impossibilitando a presença de elementos entre seus componentes.

Tabela 5. Materiais intervenientes na microconstrução

	SN	SAdv	Clítico	Ausência	Total
Século XIII	- -	1 20%	- -	4 80%	5 100%
Século XIV	6 17.6%	11 32.4%	2 5.9%	15 44.1%	34 100%
Século XV	6 13.9%	2 4.7%	5 11.6%	30 69.8%	43 100%
Total	12 14.7%	14 17%	7 8.5%	49 59.8%	82 100%

Fonte: Elaboração própria

A tabela 5 demonstra que, no interior de [deixar+de+V_{2inf.}], podem ocorrer diferentes tipos de elementos entre “deixar” e V_{2inf.}. Apesar do fato de que nas três sincronias analisadas a frequência da ausência de intervenções seja maior, total de 49 ocorrências, 59.8%, há possibilidade de inserção de sintagmas adverbiais, 17%, nominais, 14.7% e clíticos, 8.5%.

Excluindo o caso de ausência de elementos intervenientes, as ocorrências que seguem mostram como o objeto em estudo foi variável na história do português.

(9) *A quarta decima batalha foy em Ytalya con Marelo e Crespino e venceuhos Anybal e matou hos ambos. [...]. Agora **leixa** a estoria **de fallar** desto e torna a contar de como os Romããos entrarem ã Espanha. (13:CIPM:CGEsp).*

“A décima quarta batalha foi em Ytalya com Marelo e Crespino e Anibal os venceu e matou ambos [...]. Agora, deixa de falar desta estória e volta a contar de como os romanos entraram na Espanha.”

Em (9), há presença do SN “a estória” entre deixar, preposição e V_{2inf.}, denotando aspecto final. É relevante mencionar que geralmente são encontrados, no período investigado, SN sujeitos pospostos a V₁ ou SN objetos antepostos a V_{2inf.}, localizando-se no interior do *chunk* gramatical.

(10) *E deu a dom Garcia, seu filho, [...]. Mas agora **leixaremos** aquy **a fallar** na estorya del rei dõ Afomso, o Magno e contaremos de Audela, rey de Cordova. (13:CIPM:CGEsp).*

“E deu seu filho a Dom Garcia, [...]. Mas agora deixaremos de falar aqui na estória do rei Dom Afonso, o Magno, e contaremos sobre Audela, rei de Cordova.”

Em (10), há a presença do advérbio de lugar “aqui” entre V_1 , a preposição “a” e V_{2inf} “falar”. Em vista do exposto, podemos classificar [deixar+de+ V_2] como semiaberta ou parcialmente esquemática, pois possibilita inserções de elementos entre seus constituintes.

Em suma, as três sincronias estudadas mostram o declínio de elementos intervenientes; esse fato é entendido como uma mudança construcional atuante ao longo desses séculos, em que pela rotinização da ordem dos componentes, há a fixação de V_1 no primeiro *slot*, da preposição e de V_{2inf} no último *slot* disponível, fortalecendo a microconstrução enquanto um *chunk* para marcar aspecto.

3.4 Tipos de V_{2inf} .

Almejamos investigar, nesse último parâmetro, o *slot* de V_{2inf} , verificando o tipo de verbo que pode ocorrer nessa posição.

Para alcançar esse objetivo, classificamos os tipos de V_{2inf} encontrados a partir da tipologia de EsCo de Dik (1989). Mesmo sendo uma tipologia referente à predicação, a utilizamos porque o verbo que aciona o EsCo é o V_{2inf} , o qual define toda a estrutura da predição. Vale enfatizar que “deixar” é aqui tratado como marcador aspectual, pois se assumíssemos a produtividade de todo *chunk*, “deixar” já presumiria o traço de controle.

Tabela 6. Tipos de V_{2inf} .

	<i>EsCo:</i> <i>Ação</i>	<i>EsCo:</i> <i>Processo</i>	<i>EsCo:</i> <i>Estado</i>	<i>EsCo:</i> <i>Posição</i>	<i>Proposição</i>	Total
Século XIII	4 90%	1 10%	- -	- -	- -	5 100%
Século XIV	28 82.4%	3 8.8%	3 8.8%	- -	- -	34 100%
Século XV	23 53.5%	2 4.6%	12 28%	1 2.3%	5 11.6%	43 100%
Total	55 67.1%	6 7.3%	15 18.3%	1 1.2%	5 6.1%	82 100%

Fonte: Elaboração própria

Os dados acima mostram que [deixar+de+ V_{2inf}] exibe, no século XIII, V_2 com traço de [+ dinamicidade] que comporta EsCo dos tipos: Ação, 90% e Processo, 10%, que se distinguem pela presença de [+/- controle].

Na passagem para o século XIV, notamos algumas ocorrências com um novo conjunto de $V_{2inf.}$, representado pelos traços [- dinamicidade, - controle] que comporta EsCo do tipo Estado, 8.8%. No século XV, novos conjuntos de $V_{2inf.}$ mais abstratos surgem, o de Posição, 2.3%, e o de Proposição, 11.6%, expressando não mais algo que acontece no mundo, mas algo que é avaliado em suas condições de verdade, de crença etc. Esses novos conjuntos indicam a extensão do arranjo colocacional de $V_{2inf.}$, resultando no aumento da produtividade *type* desse *slot*.

Vejamos as ocorrências a seguir.

(11) *O mar era huû pouco boliçoso & el Rei anoJousse & **leixou de o seguir** por que hia muj lomge & tornousse ã terra & premdeo dona Johana sua molher (14:Lopes:Pedro).*

“O mar era um pouco agitado, o Rei se enjoou e deixou de segui-lo porque ele ia muito longe. Voltou à terra e prendeu dona Joana sua mulher.”

(12) *Deci a tanta baixeza, porque pus meu coraçam na soma de perfeiçam, [...] Perdi lembrança de my, **leixei de ser** caualleiro por tirar de catiuero Quem me catiuou a my. (15:Trancoso:Proveito2).*

“Desci tão baixo, porque coloquei meu coração como mais importante, [...] Perdi a lembrança de mim, deixei de ser cavaleiro porque tirei do cativo quem me tornou cativo.”

(13) *E porem diziam os que estas & outras rrazões secretamente antressi falluam [...] Jsto ouuirom. **leixarom de creer** o que amte crijam [...]. (14:Lopes:Pedro).*

“E, portanto, os diziam estas e outras razões que entre si falavam secretamente. Ouviram isso e deixaram de crer no que antes criam [...].”

Em (11), o $V_{2inf.}$ “seguir” se classifica como EsCo do tipo Ação, em que o agente, “o rei”, tem controle sobre o evento dinâmico e finaliza o EsCo expresso. Em (12), o $V_{2inf.}$ “ser” é um Estado em que há ausência de controle e de dinamismo, o poeta não é mais cavaleiro. Em (13), há o fim de uma crença, esse tipo de $V_{2inf.}$ é o mais abstrato, sendo classificado como Proposição.

A partir desses exemplos, argumentamos que a microconstrução, a partir de $V_{2inf.}$ mais concretos, sofre outra mudança construcional, se neoanalisando e se expandindo para $V_{2inf.}$ mais abstratos, como aqueles que indicam Proposição cuja emergência só se dá no século XV. Então, no português arcaico, [deixar+de+ $V_{2inf.}$] começa a expandir seu arranjo colocacional de verbo principal sancionando tanto verbos mais concretos quanto verbos mais abstratos.

Em vista disso, defendemos a produtividade parcial da microconstrução que, mesmo apresentando uma variedade de tipos de $V_{2inf.}$, ainda apresenta verbos principais concretos como mais frequentes.

Considerações finais

A partir da descrição e da análise por meio dos parâmetros selecionados, reconhecemos a microconstrução em foco como membro do esquema auxiliar do português [V_1 +prep+ $V_{2inf.}$] \leftrightarrow [ASPECTO] e a concebemos como um *chunk* procedural indicador de aspecto final, apresentando as nuances de cessativo e de terminativo.

No período arcaico, [deixar+de+ $V_{2inf.}$] já pode ser considerada uma microconstrução auxiliar do português, por evidenciarmos índices de auxiliaridade, como o compartilhamento de sujeitos entre V_1 e $V_{2inf.}$, a formação de um *chunk* composto por um V_1 , “deixar”, totalmente abstratizado, seguido da preposição “de” e de um $V_{2inf.}$ responsável pela estrutura argumental.

Além disso, ela se revela em processo de construcionalização gramatical que possivelmente levará à sua consolidação nos séculos seguintes. A microconstrução apresenta, nas sincronias estudadas, três mudanças construcionais, via o mecanismo de neoanálise: i) expansão dos traços semânticos de sujeito que de essencialmente [+ humano], se expande para outros traços, como [- humano], ii) maior fixação da ordem de seus componentes, que, apesar da presença de materiais intervenientes, começa a ser mais frequente a ausência de elementos entre “deixar”, a preposição e $V_{2inf.}$, e, iii) expansão dos tipos de $V_{2inf.}$ possibilitando a sanção de verbos mais abstratos, como aqueles que indicam Estado e Proposição.

Dada essa caracterização, [deixar+de+ $V_{2inf.}$] é parcialmente esquemática, por permitir a inserção de elementos e ter o *slot* de $V_{2inf.}$ totalmente aberto, parcialmente produtiva, por ainda estar em fase de expansão de seus arranjos colocacionais e não composicional, pois seus elementos são concebidos como um todo procedural.

O encaminhamento futuro que se delinea para este trabalho está na continuação da descrição e da análise da microconstrução em outras sincronias e em outros períodos da história do português, a fim de aferir sua consolidação na rede auxiliar do português.

Agradecimentos

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001. O autor é membro do Grupo de Estudos Sociofuncionalistas.

REFERÊNCIAS

- BARDDAL, J. *Productivity: Evidence from case and argument structure in Icelandic*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2008.
- BOAS, H. C. Resolving form-meaning discrepancies. In: LEINO, J. (ed.). *Constructional Reorganization*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2008. p. 11-26.
- CASTILHO, A. Aspecto verbal no Português falado. In: ABAURRE, M. B.; RODRIGUES, A. C. S. (org.). *Gramática do Português Falado*. v. VIII. Campinas: Editora da UNICAMP, 2002. p. 83-121.
- COMRIE, B. *Aspect: an introduction to the study of verbal aspect and related problems*. Cambridge: Cambridge University Press, 1976.
- DAVIS, M.; FERREIRA, M. *Corpus do Português: 45 milhões de palavras, 1300s-1900s*, 2006, 2016. Disponível em: <http://www.corpusdoportugues.org>. Acesso em: 15 ago. 2018.
- DIK, S. C. *The theory of functional grammar*. Berlin: Mouton de Gruyter, 1989. pt. 1.
- FERREIRO, M. *Glosario da poesia medieval profana galego-portuguesa*. Universidade da Coruña, 2014. Disponível em: <http://glossa.gal>. Acesso em: 13 mar. 2019.
- HEINE, B. *Auxiliaries: cognitive forces and grammaticalization*. New York: Oxford University Press, 1993.
- ILARI, R.; BASSO, R. M. Classes de palavras e processos de construção. 3. O verbo. In: NEVES, M. H. M.; ILARI, R. (org.). *Gramática do Português Falado Culto no Brasil*. v. II. Campinas: Editora da Unicamp, 2008. p. 163-365.
- LANGACKER, R. W. *Foundations of cognitive grammar: theoretical prerequisites*. v. I. Stanford, California: Stanford University Press, 1987.
- LANGACKER, R. *Cognitive Grammar: a basic introduction*. New York: Oxford University Press, 2008.
- LOBATO, L. M. P. Os verbos auxiliares em Português contemporâneo. Critérios de Auxiliaridade. In: LOBATO, L. et al. *Análises Linguísticas*. Petrópolis: Vozes, 1975. p. 27-91.

LONGO, B. O.; CAMPOS, O. S. A auxiliaridade: perífrases de tempo e de aspecto no Português falado. In: ABAURRE, M. B. M., RODRIGUES, A. C. S. (org.). *Gramática do Português Falado*. v. VIII: Novos estudos descritivos. Campinas: Editora da UNICAMP, 2002. p. 445-497.

METTMANN, W. Glossário. In: AFONSO X, O SÁBIO. *Cantigas de Santa Maria*. v. I e II. Coimbra: Universidade, 1972.

SANKOFF, D.; TAGLIAMONTE, S.; SMITH, E. *Goldvarb X: A variable rule application for Macintosh and Windows*. Department of Linguistics, University of Toronto, 2005.

TRAUGOTT, E. C.; TROUSDALE, G. *Constructionalization and Constructional changes*. Oxford: Oxford University Press, 2013.

TRAVAGLIA, L. C. *O aspecto verbal no português: a categoria e sua expressão*. 5. ed. Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia, 2014.

XAVIER, M. F.; VICENTE, G.; CRISPIM, M. L. (org.). *Dicionário de Verbos Portugueses do Século 12 e 13/14*. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, 2003. Disponível em: <http://cipm.fcsh.unl.pt>. Acesso em: 13 mar. 2019.